

REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

***Roberto Rodrigues**

A espetacular demanda por alimentos anunciada pela OCDE e pela FAO, de mais 20% nos próximos 10 anos, exige muito investimento em pesquisa e extensão rural para vencer o desafio de compatibilizar este crescimento com a preservação dos recursos naturais: a célebre sustentabilidade. Mas não só em alimentos: também na área de fibras e energia. E o Brasil vem fazendo sua lição de casa neste capítulo.

A recente evolução do setor sucroenergético, com a chegada ao Brasil de grandes empresas de fora investindo pesado na produção da agroenergia, vem mudando significativamente o cenário futuro de médio e longo prazo. A atividade sucroalcooleira foi, por séculos, de capital eminentemente nacional.

De repente, em pouco mais de 3 anos, já temos 22% de capital estrangeiro nela investidos, podendo chegar a 37% até 2015. Gigantes como Dreyfus, Bunge, Cargill, ADM, Tereos, Abengoa, Amyris e Renuka, entre outras, se juntaram a esta nova onda em que entraram também fundos de investimento de diversas nacionalidades e empresas brasileiras, como a Odebrecht (através da ETH) além de importantes petrolíferas, como a Shell (associada à Cosan), a BP, a Total e a própria Petrobrás (também associada à Mitsui).

Tamanha internacionalização é acompanhada por forte consolidação interna, com grupos nacionais crescentemente poderosos comprando outros e diminuindo o número de atores neste palco importantíssimo do nosso agronegócio.

Pelo menos 2 aspectos podem ser ressaltados neste ambiente.

O primeiro é a impressão de que estes grandes investidores devem estar olhando mercados que não apenas o nosso, interno. Em outras palavras, devem acreditar que a agroenergia ganhará dimensão global, com mais países produzindo e consumido biocombustíveis e bioeletricidade com algum tipo de certificação internacional (a ÚNICA está empenhada neste processo). Há poucos dias, os americanos aumentaram para 15% a mistura do etanol na gasolina (a passagem do E10 para E15 nos Estados Unidos representa mais 24 bilhões de litros lá consumidos por ano) e cada vez mais Nações são atraídas por esta alternativa energética renovável e mitigadora do aquecimento global, que se caracteriza como uma importante via de desenvolvimento dos países tropicais, gerando aí - onde a demanda por alimentos e energia mais cresce pelo aumento de suas populações e renda per capita - uma oportunidade formidável, especialmente quando a cana é a matéria prima.

O segundo aspecto, e muito instigante, é o da tecnologia.

Junto com as empresas que investiram na produção do etanol ou do diesel a partir da garapa ou da novel Alcoolquímica como sucedâneo da petroquímica, chegam também as grandes instituições privadas de desenvolvimento tecnológico. Já vieram a Monsanto (que comprou a Canavialis, do Grupo Votorantim) a Basf (aliada ao CTC - Centro de Tecnologia de Cana-de-açúcar, em Piracicaba), a Syngenta, a Amyris e outras mais.

E isso faz todo o sentido: com 8 milhões de hectares cultivados com cana no país, já há espaço para pesquisa de ganhos em produtividade. Quaisquer 10% a mais de produção por hectare representam hipotéticos 800 mil hectares entrando em produção. Imaginem-se, então, ganhos de 25%, 30%, que são perfeitamente possíveis, e se pode vislumbrar os ganhos econômicos para estes geradores de tecnologia.

As rotas tecnológicas serão definidas por questões emergentes:

- o etanol pode ser produzido a partir da fermentação de outros açúcares, e não somente a sacarose, que sempre foi o mais pesquisado porque se cristaliza no açúcar de consumo diário. Por isso, variedades mais ricas em outros açúcares podem aumentar muito a produção de etanol por hectare. Isto é bom tanto para o biocombustível quanto para o futuro da alcoolquímica.

- a cogeração de energia elétrica a partir do bagaço também aponta para a busca de novas variedades mais fibrosas. Até o uso das folhas que ficam no campo com a colheita mecanizada da cana crua é um novo ponto para pesquisa: sabe-se que 1/3 de energia da cana está no caldo, 1/3 no bagaço e 1/3 nas folhas. Quantas hidroelétricas poderiam deixar de ser construídas com isso?

- o corte mecanizado, por sua vez, exige variedades mais eretas (com mais fibra), para facilitar a operação da colheita, barateando-a significativamente.

- novas áreas hoje ocupadas com pastagens que poderão ser plantadas com cana e se localizam em regiões menos chuvosas exigem variedades mais resistentes à seca. Menor demanda por água é uma questão crucial.

- a resistência a pragas (caso da Broca gigante, recém introduzida na região Sudeste) e doenças (como a ferrugem laranja), que destroem os canaviais, será buscada, inclusive com variedades transgênicas.

- a transgenia e o melhoramento genético também servirão para desenvolver variedades menos exigentes em fertilizantes, que fixem o N no solo (como já se conseguiu com a soja através da inoculação de bactérias especializadas), em variedades que otimizem a absorção de nutrientes, usando também a nanotecnologia.

- novas máquinas colheitadeiras serão desenvolvidas para melhor aproveitar a palha, sistemas de transporte serão adaptadas, e por aí vai a pesquisa, só na parte agrícola, sem mencionar as novidades no processamento da cana, estocagem e transporte do etanol ou seus derivados, em cuja concentração há ganhos enormes.

Em suma, uma verdadeira revolução tecnológica está em andamento no setor, e isto é bom, especialmente para que o Brasil continue liderando o modelo mundial da agroenergia.

E como ficam nossas empresas nacionais de desenvolvimento tecnológico, confrontados com estes monumentais investimentos de suas concorrentes de fora?

Os resultados já alcançados por elas são formidáveis.

Nos últimos anos, o IAC lançou 3 novas variedades que pode aumentar em 30% a produtividade da cana.

A Ridesa, rede de universidades lideradas pela UFSCAR, que substituiu o Planalsucar extinto no Plano Collor, anunciou em outubro novas variedades com igual potencial de crescimento. Aliás, 58% de toda a cana plantada no Brasil vem desta organização primorosa.

O CTC lançou, de 2005 até hoje, cerca de 20 variedades, misturando a adaptação e combinação variedade/solo/clima, todas promissoras.

A Embrapa, com seu novo Centro de Agroenergia está focada em sustentabilidade da produção da gramínea.

A Petrobrás está também se lançando na pesquisa de cana, e tem recursos e competência para avançar bastante, e rapidamente.

Portanto, há um certo congestionamento positivo no setor. Talvez fosse muito interessante uma grande coordenação entre estas instituições brasileiras todas, para evitar duplicidade de recursos e dispersão de esforços, e para que elas tivessem capacidade de sustentar-se frente à avassaladora concorrência que virá, sem dúvida, com os novos parceiros internacionais em desenvolvimento de tecnologia. **Coordenação, neste caso, pode ser fator mitigante de concentração.**

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**